

Alunos dão força ao professor

— Vou votar nulo porque acho que o voto não devia ser obrigatório. Se o voto fosse optativo, o candidato ia ter que fazer tudo para convencer a pessoa a votar. Então se o candidato fosse realmente bom, ele convenceria e estimularia a pessoa a votar. Meu voto também vai ser nulo porque eu não vejo bons candidatos por aí, apesar de ter um montão de candidatos.

Quem jogo fora o seu voto com palavras é Frederico Cunha, carioca de 19 anos e radicado em Brasília há sete, estudante de Economia da UnB. Ao seu lado, no pátio de entrada da Ala Norte, há um colega do curso de Processamento de Dados que pensa diferente: Luiz Fernando Botelho de Carvalho, de 20 anos. Colegas e amigos, porém, têm opiniões absolutamente divergentes:

— A gente precisa votar para eleger os candidatos à Constituinte. De minha parte vou votar no Lauro Campos, que é um professor da Universidade e que vai representar muito bem os anseios da classe estudantil.

Frederico indagado se diante do depoimento de Luiz Fernando, não está disposto a reformular a sua decisão, deu resposta incisiva:

— Não. Eu não voto nele porque sou contra o partido dele. Eu sou contra o comunismo, sou contra o PCB. E se tivesse que votar, votaria no PFL. Mas não tenho candidato. Além do mais, aqui em Brasília a campanha está de baixo nível. E é por isso que vai haver muito voto nulo.

A opção do voto nulo volta à cena com o testemunho de um estudante que se identifica apenas como brasileiro, de 19 anos, que está ganhando "um dinheirinho" com a campanha:

— Estou plastificando os títulos lá no Ginásio de Esportes e sempre que os entrego consulto

as pessoas. Muita gente, muita gente mesmo, responde que vai votar nulo.

Explorando as suas qualidades de bom perguntador, solicitamos um quadro dos candidatos favoritos no âmbito da UnB. O diagnóstico sai de imediato:

— Acho que o pessoal aqui está com o Lauro Campos e o Hélio Doyle. Se bem que o Lauro Campos tem mais força que o Hélio Doyle.

Como nem todos os estudan-



Ana Maria Rossi

Luíza Viana

tes têm a mesma vocação de pesquisador, a mesma consulta recebe a seguinte resposta da aluna de Biblioteconomia, Lillian Maria, de 20 anos.

— Não touse sabendo.

Ela ainda não tem candidatos, assim como a bonita carioca Maria Cristina Andrade, de 23 anos, estudante de Arquitetura. Se vai haver muito voto nulo?

— Olha, me desculpe, porém estou por fora.

Quem não está tão por fora é Maria Cristina Ferreira, que também estuda Arquitetura e só tem 19 anos:

— Meu voto ainda não está definido. Vai demorar um pouquinho, mas vou decidir. E garanto que o meu voto não vai ser nulo.

Raimundo Portela, de 23 anos, também de Arquitetura, já escolheu:

— Meu candidato é Lauro Campos para senador. E por enquanto é só.

Aproveita para um desabafo, de passagem:

— Esses candidatos realmente nunca fizeram nada pelo povo e agora estão querendo o quê? Eles são mais empresários do que políticos, nunca tiveram participação nenhuma e realmente o que eles querem é promoção. A gente não tem como votar. A gente tá votando no Lauro Campos porque é daqui da universidade e o pessoal conhece mais ou menos a vida dele.

A acreana Márcia Kalume, de 27 anos o oito em Brasília, que cursa Publicidade, foge um pouco à regra do voto nulo ou candidato de esquerda:

— Meu voto vai ser pro Jofran Frejat. Pra senador, ainda estou na dúvida.

Luíza Viana, de 19 anos, estudante de Comunicação, investe contra o voto nulo:

— Se você anular o meu voto, você estará anulando o seu poder político. E vai acabar deixando para outros candidatos usarem isso de uma forma ruim. Então, nada de anular o voto.

A paulista Ana Maria Rossi, do curso de Comunicação, 18 anos, declara-se simpatizante do PT e dá sua opinião isenta de quem vai votar em São Paulo:

— Estou vendo que aqui em Brasília a maioria dos candidatos que logicamente serão eleitos são grandes empresários, são candidatos com grande capital, são da classe dominante. Isso para mim é horrível.